

A Cobertura Midiática No Afeganistão: Estudo de Caso da BBC.¹

Renata Moreira Bruno dos Santos²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados parciais obtidos a partir de uma pesquisa acerca das notícias disponibilizadas pela British Broadcasting Corporation (BBC) — influente empresa ocidental de comunicação — sobre o Afeganistão. A partir do método análise de conteúdo, foram coletadas e analisadas reportagens de 04 de abril a 05 de outubro de 2017 a fim de entender características desse veículo. A hipótese que dá apoio ao trabalho é a de que na cobertura da BBC sobre o Afeganistão são priorizados temas sobre confrontos militares e de intervenção ocidental, em detrimento de uma cobertura mais abrangente e continuada do país como um todo.

Palavras-chave: BBC; Mídia; Afeganistão.

Introdução

A mídia cumpre um importante papel na sociedade contemporânea no que tange a propagação de informações. Se antes jornais impressos, rádios e televisões, agora *smartphones*, plataformas virtuais e a difusão da internet permitiram a dinamização da comunicação. Segundo dados³ divulgados pela União Internacional das Telecomunicações (UIT) - a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) de tecnologias e comunicação, em 2015 3,2 bilhões de pessoas no mundo já tinham acesso à internet. Os números, no entanto, demonstram uma enorme desigualdade. Enquanto os níveis de penetração da rede na Europa alcançam quase 80%, na Ásia atingem cerca de

¹ Trabalho submetido ao XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018 em Belo Horizonte-MG.

² Mestranda do programa de História Comparada da UFRJ. Esta pesquisa foi realizada junto ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e as Relações Sul-Sul (NIEASS-UFRJ).

³ Relatório ICT Facts & Figures 2016. Disponível em < <https://goo.gl/FbDvWn>>

41% ao passo que na África o acesso ocorre apenas por 25% da população. Na localidade que o relatório denomina “*Arab States*” [Estados árabes], também existem cerca de 41% de internautas, e as Américas 65%. Contudo, 95% da população mundial já vive sobre a cobertura de internet móvel 2G. É neste mundo conectado, que a internet se constitui enquanto importante veículo de comunicação, de difusão de informações das mais variadas naturezas. É onde, portanto, os *sites* e portais de notícia ganham grande expressividade quanto ao número de leitores.

É sabido que os *sites* de grande alcance, que produzem mais conteúdo e recebem mais acessos, majoritariamente integram departamentos dos grandes veículos midiáticos, que compõem oligopólios mundiais. Segundo Moraes, Ramonet e Serrano (2013) os fluxos comunicacionais estão mundialmente dominados por apenas sete megagrupos. Não obstante cabe lembrar que o processo de desenvolvimento das economias e sociedades está diretamente relacionado ao desenvolvimento da mídia, ao passo que sua atuação influencia a esfera pública e a construção da cultura (SOUSA, 2004). Neste cenário, as grandes empresas midiáticas detêm o poder de formar opiniões ao influenciar o senso comum a partir da forma pela qual expõe o objeto da notícia.

O Meio Estudado: BBC

A pesquisa analisou a cobertura do *site* da BBC (*News*) na versão em inglês. A *BBC News* é o departamento jornalístico dentro da British Broadcasting Corporation, responsável pela difusão e produção dos programas de notícias para rádio, televisão e internet. Semelhantes a outros departamentos como a Natural History Unit (responsável pelos conteúdos sobre história e vida animal), ou a BBC Audio & Music. Todos estes setores têm suas práticas guiadas por um acordo firmado com o Secretário do Estado da Cultura, Mídia e Esporte do Inglaterra e também pelos termos expressos na *Royal Charter*⁴ da BBC, uma espécie de carta de princípios, que carrega as bases constitucionais para atuação desta corporação de telecomunicação. Os documentos citados são complementares e trazem tentativas de delimitar uma produção de conteúdo

⁴ A primeira *Royal Charter*, assinada por George V em 1927, institucionalizou a BBC enquanto uma corporação pública e estabeleceu à mesma uma validade de 10 anos. As cartas subsequentes garantiram a continuação do seu funcionamento, a partir de premissas e objetivos distintos e concomitantes aos contextos sociopolíticos nos quais estava inserido o Reino Unido.

independente do governo e de interesses privados. A carta de 2017 (publicada em dezembro de 2016) apresenta o primeiro dos *Public Purposes*: “Prover informação imparcial para ajudar pessoas a entender e se empenhar no mundo em volta delas”⁵. Delimitando enquanto uma das missões da BBC, o fornecimento de notícias que possibilite ao público melhor entendimento sobre o mundo que os circunscreve.

Esta corporação apesar de aparentar certa distância do contexto midiático do Brasil, uma vez que tem sua sede em Londres, mantém relações com grandes empresas de telecomunicação brasileiras: a Rede Globo, a quem recentemente vendeu as séries “Guerra e Paz” e “Planeta Terra” e o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), que já havia comprado o programa “Esquadrão da Moda” e mais recentemente efetivou a compra de “Bake Off Brasil - Mão na Massa”. Em soma a isto, temos também a venda de notícias e fotos por parte da BBC a canais informativos e portais digitais como o G1 (do grupo Globo), funcionando grosso modo como uma espécie de agência, ainda que em segunda mão.

As cartas reais foram escritas para os anos de 1927, 1937, 1947, 1952, 1964, 1981, 1997, 2007 e 2017. Portanto, a BBC pôde acompanhar um processo histórico de demasiada importância para o mundo da comunicação: a concentração dos fluxos comunicacionais. Os conglomerados do ramo a nível mundial passaram por um período de expansão, e com a entrada do “grande capital” nesta lógica, deu-se início à formação dos grandes oligopólios da comunicação (MORAES, RAMONET e SERRANO, 2013). Estas grandes empresas conservam o mercado de produção e difusão de notícias a nível mundial.

O Afeganistão Contextualizado

Muito já se discutiu sobre a importância e ao mesmo tempo complexidade dos conflitos no Oriente Médio como um todo. Especificamente no caso do Afeganistão, o que salta aos olhos é a duração dos confrontos. A intervenção direta dos Estados Unidos em território afegão teve início logo após o atentado do 11 de setembro em Nova Iorque no ano de 2001, ou seja, já se estende por pouco mais de 16 anos e permanece sem

⁵ Tradução livre da autora. Trecho “*To provide impartial news and information to help people understand and engage with the world around them (...)*” da *Copy of Royal Charter for the continuance of the British Broadcasting Corporation*. Crown copyright. 2016, p. 5.

previsão de retirada. Segundo o historiador brasileiro, recém falecido Luiz Alberto Moniz Bandeira (2015), a efetivação da *Authorization for Use of Military* durante o governo de George W. Bush, em 18 de setembro, viabilizou a concretização da fala em que, o então presidente anunciou que o país entrara em guerra “Nós não vamos apenas lidar com aqueles que ousam atacar a América, nós vamos lidar com aqueles que lhes são porto, os alimentam e abrigam”⁶. E desta forma, em conjunto com Grã Bretanha, foram empreendidos seguidos bombardeamentos contra o Afeganistão, sobre o discurso da luta contra o terrorismo.

Até o presente momento, tropas são enviadas ao Afeganistão pelos países membros da OTAN, como exposto em algumas reportagens da BBC que compõem nosso material de análise: “*Nato asks UK to send more troops to Afghanistan*” [OTAN pede ao Reino Unido que envie mais tropas para o Afeganistão] do dia 09 de maio de 2017. Ou ainda “*US sends 3,000 more troops to Afghanistan*” [Estados Unidos envia mais 3,000 para o Afeganistão] de 18 de setembro do mesmo ano. Nenhuma instituição se arrisca em quantificar quantos afegãos morreram em meio aos confrontos, mas dados de 2010 do Ministério de Saúde Pública do Afeganistão, dois terços da população sofria de problemas mentais decorrentes das condições materiais em que viviam, violência, pobreza e outros.

Uso Metodológico da Análise de Conteúdo

A pesquisa surge do questionamento acerca do conteúdo disponibilizado pela plataforma online da British Broadcasting Corporation Fazendo uso do método de Análise de Conteúdo, foram estudadas as reportagens disponibilizadas pelo veículo de 04 de abril a 05 de outubro de 2017. O método no qual se ampara o trabalho se apresenta como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, P. 37) que carrega não um instrumento em si “mas um leque de apetrechos” (Ibdem), aplicáveis pertinentemente a comunicações não verbais. Trata-se de um método empírico, com algumas regras básicas que consistem em entender “O que a reportagem fala? Porque fala? Como? Onde? E com que efeitos?”, a fim de obter algumas características do material. A análise de conteúdo nos permite etapas

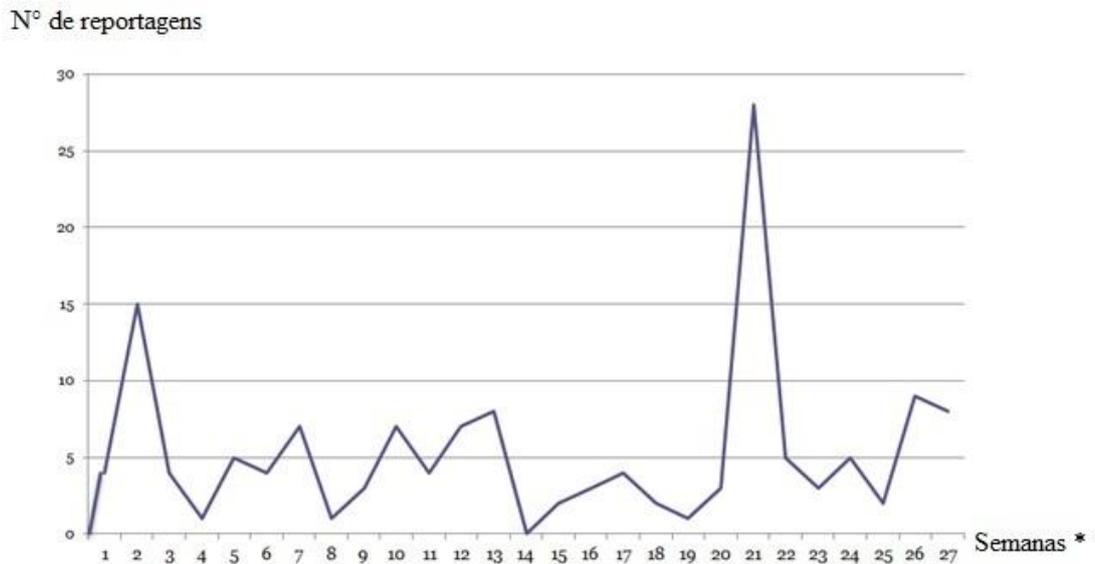
⁶ Tradução livre da autora do trecho “*We will not only deal with those who dare attack America, we will deal with those who harbor them and feed them and house them*” (BANDEIRA, 2015, p.74).

quantitativas e qualitativas através do tratamento descritivo, da análise categorial, inferências e análise temática. A pesquisa é guiada pelas hipóteses de que a cobertura da BBC, ao disponibilizar notícias sobre o Afeganistão, prioriza temas relacionados aos confrontos militares em detrimento de uma cobertura mais abrangente sobre o país como um todo e que contribui para uma visão estereotipada do Afeganistão.

Análises Quantitativas e Qualitativas: A pesquisa.

Com o intuito de entender melhor o cenário posto, foram realizadas coletas, análises e contabilizações de reportagens. O primeiro passo é a análise quantitativa das reportagens disponibilizadas pelo *site* a partir do uso da palavra chave “Afghanistan” na ferramenta de busca da plataforma. No período exposto foram coletadas 144 reportagens, que para tornar a análise mais precisa, estão divididas em semanas. Na 2ª semana, perto do dia 13 de abril se desenha o primeiro pico, que alcança 15 notícias. Nas outras semanas a variação segue um padrão até o momento do segundo pico da 21ª semana, como elucidado o gráfico:

Gráfico 1: Número de reportagens publicadas por semana.



*Entende-se por semana 1 a que vai de 04 a 10 de abril. Por semana 2 a que vai de 11 a 17 abril e 3 a de 18 a 24 e assim sucessivamente.

Os picos apontam características importantes da cobertura jornalística da BBC News. No dia 13 de abril de 2017, que está incluso na segunda semana, aeronaves militares dos Estados Unidos lançaram um explosivo de 11 toneladas, no local onde o governo americano disse existir um esconderijo subterrâneo do grupo Estado Islâmico, em território afegão. A bomba apelidada de “Mother of All Bombs” (MOAB) é a segunda maior bomba do arsenal estadunidense, logo atrás da nuclear. Este acontecimento foi amplamente divulgado nos mais diversos meios de comunicação, com cenas do momento da explosão e descrições das características da bomba.

Já o segundo pico é o maior registrado durante a coleta, nesta semana foram postadas 28 notícias no endereço online da corporação britânica. Esse lépido aumento se explica pelo próprio objeto das notícias. No dia 20 de agosto Donald Trump anunciou mudanças na política de seu governo em relação ao Afeganistão. Apesar das declarações pessoais anteriores ao ano de sua eleição, que defendiam a retirada das tropas americanas, o então presidente dos EUA apoiava-se, a partir de então, no discurso de que o Talibã e outros grupos como o Estado Islâmico deveriam ser combatidos militarmente, ou poderiam crescer no vácuo deixado pela saída das tropas do solo afegão.

Vejamos que os dois períodos onde houve maior número de reportagens disponibilizadas, envolvem um ataque por meio de bomba e uma política específica tomada pelos Estados Unidos em relação ao Afeganistão. O passo seguinte para melhor entender o cenário é mais uma análise quantitativa. Foram contadas as palavras que apareciam com mais frequência nos textos das reportagens, de forma que aquelas aparecidas mais de uma vez no mesmo texto só foram contabilizadas uma única vez. A escolha do último grupo de palavras se deu de forma subjetiva, levando em conta o critério de ser substantivo, adjetivo ou nome próprio que demonstre indícios de um possível cenário de encaixe.

Dentre as cinco que aparecem mais vezes estão, já traduzidas: “EUA” (31%), “Talibã” (24%), “Trump” (17%), “Estado Islâmico” (17%) e “Militante” (10%). O 1% restante retrata o uso da palavra “Terrorista”, que não estava entre as mais recorrentes, mas contribui para o entendimento acerca do teor das notícias. No material colhido, a palavra em questão aparece poucas vezes em meio à entrevistas e falas de porta-vozes

ou para designar os participantes do Talibã, Estado Islâmico ou Al-Qaeda. O seu uso delimita um posicionamento específico quanto aos conflitos ocorridos na região. Posicionamento este que perpassa uma noção estereotipada dos componentes deste contexto sociopolítico.

Para explicar melhor a importância da utilização de determinadas palavras no contexto de uma matéria, iremos comparar duas reportagens do dia 22 de abril de 2017 sobre o mesmo assunto. Uma da BBC e outra disponibilizada pelo G1 (portal de notícias do Grupo Globo). A primeira está intitulada “*Afghan casualties in Taliban Mazar-e Sharif attack pass 100*”⁷ [Vítimas afegãs de ataque Talibã em Mazar-e Sharif passam de 100]. A segunda reportagem está como “Talibãs deixam mais de 100 mortos ou feridos em base militar no Afeganistão”⁸. O título chama atenção aos mesmos aspectos, as duas matérias retratam o mesmo acontecimento e o G1 inclusive utiliza informações da BBC, como deixa explícito no corpo da narrativa. A diferença substancial entre as duas se dá no uso das palavras “Fighters” [lutadores] pela BBC, e “Terroristas” pelo G1.

As notícias demonstram que o último meio escolhe situar-se no lado do debate que reduz a complexidade dos conflitos a um conceito com muita carga negativa e pouca profundidade, que termina por reforçar a campanha de Guerra ao Terror, empenhada pelos EUA após o 11 de setembro. Na grande maioria das reportagens da BBC estes participantes são chamados de “Militantes”, o que demonstra certo cuidado acerca do assunto, como uma tentativa do meio da corporação britânica de manter alguma imparcialidade em meio ao debate acima resumido.

A terceira etapa se trata da categorização das reportagens. Foram criadas cinco categorias temáticas: “Confrontos e políticas de outros países em relação ao Afeganistão” (75%), “Política do Afeganistão” (4%), “Imigração” (6%), “Esporte” (5%), “Ex-soldados e população civil afetada por conflito” (7%) e “Outros” (4%). excludentes, ou seja, a participação em uma subentende a não participação nas outras. Nenhuma reportagem pode ser alocada em mais de uma. A última tem o papel de alocar as notícias que fogem muito às categorias pré-definidas, como por exemplo, uma reportagem do dia 23/07/2017: “*Hamed Amiri left Afghanistan and coaches Cathays*

⁷ Disponível em <<https://goo.gl/R5HjEP>>

⁸ Disponível em <<https://goo.gl/cSWFYN>>

children” [Hamed Amiri deixa Afeganistão e treina crianças de Cathays] conta a história de um afegão que deixou seu país ainda criança e na época da reportagem, aos 27 anos, palestrava para crianças no País de Gales. Esta notícia não se encaixa na categoria “Imigração” porque a narrativa do texto foca nas experiências e objetivos daquele indivíduo enquanto palestrante, não propriamente num processo conflituoso durante a saída de seu local de origem e da estabilização legal em novo país.

Na primeira categoria estão as reportagens que tratam diretamente de conflitos e ataques armados ou incidentes recorrentes destes. Neste conjunto aparecem palavras características a cada categoria embora não estejam no grupo das mais citadas, como “bomba”, “militar”, “vítimas” e “OTAN”⁹. Evidenciando alguns dos atores e elementos destes confrontos. Além disso, o nome amplo e dual desta categoria se explica pelo fato de que em boa parte das matérias, as políticas que outros países tomam em relação ao Afeganistão são de cunho militar, como o envio de tropas. E, portanto, estão inclusas também nas narrativas de conflito. A divisão neste caso poderia prejudicar a análise crítica das reportagens, por isso foi mantida uma única categoria.

Dito isto, podemos concluir que a terceira etapa confirma o cenário que as duas anteriores já esboçavam. 75% das reportagens de todo o corpus documental dizem respeito ao posicionamento de diferentes países em relação ao Afeganistão e aos confrontos militares ocorridos na região, ao passo que as palavras que mais se repetem reforçam esse contexto (EUA - política externa/ Talibã- confrontos). A categoria “Soldados e População civil afetada por conflitos” retrata a cobertura relativa a ex-soldados e civis que contam histórias de guerras ou das consequências físicas e psicológicas da mesma.

Neste cenário, somente 4% das notícias retratam o Afeganistão através seus próprios representantes de governo. Um exemplo deste caso é a reportagem “*President Ghani: Nato Troops Can Leave Within Four Years*” [Presidente Ghani: Tropas da OTAN podem partir em cinco anos] do dia 05 de outubro de 2017. Que divulga uma entrevista feita ao presidente do país. O fato de só 4% dos materiais estudados retratarem o país a partir de seus próprios representantes, mostra que um maior peso da

⁹ Originalmente nos textos das reportagens as palavras aparecem em inglês. “Bomb”, “Military”, “Casualties” e “NATO” respectivamente.

cobertura da BBC News é dado as notícias ou opiniões geradas fora do país, e sempre ouvindo fontes dos Estados Unidos ou Inglaterra.

Agora chegamos à etapa que analisa o número de notícias assinadas por correspondentes. O que é muito importante para se entender de onde aquelas são produzidas. Os correspondentes podem ser jornalistas esporadicamente enviados pelos meios de comunicação que os empregam, para cobrir algum evento específico no qual se tenha interesse. Mas também podem ser jornalistas fixados em algum escritório ou agência de outro país. Estes correspondentes, no entanto, não estão igualmente distribuídos pelo mundo, haja vista a concentração de agências de notícias no norte do globo, como nos mostra Pedro Aguiar (na pesquisa em que mapeou mais de 3.500 locais em que essas agências estão presentes, com correspondentes distribuídos em 1.044 cidades de 192 países. Frente ao dito contexto, a cobertura dos países do Sul Global está condicionada a uma classificação que carrega variantes do exótico ou do estereótipo. Isto é, a cobertura dos acontecimentos acontece quando estes são considerados exóticos ou suficientemente importantes para que sejam mandados jornalistas ao local de acontecimento. Tal importância normalmente, no contexto do Afeganistão, é vinculada a número de vítimas e/ou feridos, o que acaba por padronizar as notícias sobre a região e estereotipar seus agentes e componentes.

Gráfico 3: Número de notícias assinadas por correspondentes.



Das 144 notícias, somente 14 são assinadas por algum correspondente da BBC. Não fica bem explicitado pelas ferramentas e narrativas do *site*, se as demais notícias

reportadas são frutos de agências internacionais de notícia, o que se sabe é que as assinadas são de produção própria. O fato é que o universo destas 14 se divide nas localidades onde elas estão categorizadas pelo próprio site da BBC, como “US & Canada”, “UK” ou “Asia”, que explicita em que localidade se coloca o correspondente assinante da notícia e o tema da mesma. Dentre as 14, somente 4 são assassinadas dentro da categoria “Asia”. Ou seja, aproximadamente 3% das reportagens têm chances de serem escritas por alguém que de fato estava no Afeganistão, colocou enquanto possibilidade, pois também sabe-se que o Afeganistão não é o único país compreendido na esfera “Asia”.

A Mídia Hoje: Conclusões Parciais.

O que as análises nos mostram é que o cuidado tomado em relação ao uso da palavra “terrorista” não é o mesmo em relação aos assuntos trazidos na cobertura da BBC. Esta de fato prioriza uma cobertura acerca dos confrontos militares no Afeganistão e as políticas que outros países tomam em relação a ele, em especial Estados Unidos e Inglaterra. Cabe lembrar que dispomos da mídia enquanto importante ferramenta para entender os acontecimentos mundiais. A mesma se coloca enquanto ator central hoje no cenário político, social e econômico internacional. Sendo assim, os resultados desta pesquisa vão em direção ao que a Nova Ordem Informativa nos apontava ainda no século passado: não há desenvolvimento sem uma mídia democrática. Pois como coloca Virginia Fontes (2008) a dominação dos fluxos informativos é necessária para a manutenção de ideias hegemônicas (FONTES, 2008).

Referências bibliográficas

AGUIAR, Pedro. *Mapeamento de Agências de Notícias: localização de correspondentes e escritórios das principais empresas do setor*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos. 2017

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

DOWBOR, Ladislau. *A formação do Terceiro Mundo*. São Paulo: 10^o ed. Editora Brasiliense.1988.

FONTES, Virginia. Intelectuais e Mídia – Quem dita a pauta? In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Desordem Mundial: O espectro da Total Dominação*. Rio de Janeiro: 3º ed. Civilização Brasileira, 2017.

MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. (orgs). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, 184 p., 2013.

ROYAL CHARTER FOR THE CONTINUANCE OF THE BRITISH BROADCASTING CORPORATION . Presented to Parliament by the Secretary of State for Culture, Media and Sport by Command of Her Majesty. Crown copyright, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia*. EDIÇÃO. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

UNESCO. *Um mundo de muitas vozes*. Rio de Janeiro: FGV, 1983.